




A ultradireita global e o governo Bolsonaro: Uma análise das interconexões ideológicas

Amanda Silva Simões ^{*,†} Fernanda C. Alves Bezerra de Melo [†] Maria Gisele Macedo Silva [†]

[†]Universidade de São Paulo - USP

[‡]Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

*Autor correspondente. Email: amandapiosimoes@gmail.com

Resumo

No cenário internacional contemporâneo, a ascensão da ultradireita global resultou em impactos abrangentes em todo o mundo. Este artigo propõe uma investigação do fenômeno no contexto brasileiro, adotando a metodologia da *Network Analysis*, com o suporte de ferramentas computacionais como o Gephi, visando examinar as interconexões ideológicas entre a ultradireita global e o governo de Jair Bolsonaro. A pesquisa tem como propósito compreender as características, motivações e possíveis implicações dessa relação complexa. Embasado no conceito de "ultradireita" desenvolvido por Cas Mudde, este estudo busca analisar a natureza desse fenômeno político e sua influência sobre a gestão do governo Bolsonaro. Nesse sentido, a relevância deste trabalho reside na sua análise minuciosa dessa relação, proporcionando uma compreensão crítica das tendências políticas e ideológicas do século XXI, além de contribuir para um debate informado acerca dos desafios contemporâneos

Palavras-chaves: Ultradireita; Jair Bolsonaro; Network Analysis; Ideologia

1. Introdução

Desde a década de 1990, observa-se uma gradual reconfiguração e atualização das direitas no Brasil (Casimiro 2020). Nesse contexto, segundo o autor, surge a demanda pela política de extrema-direita, argumentando que, enquanto a extrema-direita se encontra desconectada da política dominante, a direita radical populista é uma radicalização da política dominante, sendo a mídia um elemento fundamental na comunicação. Assim, destaca-se a fragilidade das instituições democráticas brasileiras diante do avanço de estratégias discursivas e políticas que violam os direitos humanos e civis, a justiça social e desestruturam o aparato democrático nos três poderes.

Os estudos das novas categorias políticas em suas conexões globais proporcionam um potencial analítico relevante para a Ciência Política. Esta pesquisa tem como foco

um movimento global associado à "nova direita" e busca examinar as redes e agendas políticas que interligam os principais líderes e figuras da chamada "ultradireita". Para isso, utiliza-se a *Network Analysis*, uma metodologia que se tornou uma ferramenta inestimável para compreender sistemas complexos. Nos campos das ciências sociais, os fundamentos epistemológicos da análise de redes fornecem uma estrutura para examinar as interdependências e interações que contribuem para o surgimento de fenômenos sociopolíticos. Aqui, é realizado um estudo de caso sobre a ultradireita global e as políticas ideológicas de Jair Bolsonaro no Brasil, utilizando a análise de redes para elucidar as conexões e mecanismos subjacentes no ambiente em rede dos atores envolvidos.

A *Network Analysis* baseia-se em várias disciplinas, como Teoria dos Grafos, Sociologia e Ciência Política, para descobrir padrões, estruturas e dinâmicas em ambientes diversos. Seus fundamentos residem no reconhecimento de que o conhecimento sobre fenômenos em rede pode ser derivado da análise das relações e fluxos de informação, influência e recursos entre atores, organizações ou conceitos. Além disso, a integração de dados qualitativos, como entrevistas e análise de conteúdo, amplia a compreensão dos fatores contextuais que moldam a dinâmica da rede.

O conceito de ultradireita de Cas Mudde é amplamente utilizado para descrever grupos políticos e ideológicos que apoiam valores autoritários, nacionalistas e xenófobos. Ao examinar o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro no Brasil, é possível identificar muitas dessas mesmas tendências. A análise detalhada da relação entre o conceito de ultradireita de Cas Mudde e o governo de Bolsonaro é importante para compreender a natureza política da administração brasileira anterior e suas implicações não apenas para o país, mas também para o cenário internacional.

Nessa perspectiva, questionamos: quais são as conexões entre o governo Bolsonaro e a ultradireita global? Espera-se revelar, portanto, a existência de um reforço ideológico e o papel da comunicação na disseminação das narrativas ultradireitistas. Além disso, lançar luz sobre as alianças e esforços colaborativos entre atores ultradireitistas além-fronteiras, contribuindo para uma melhor compreensão das dimensões transnacionais do movimento. Não é surpreendente que os fundamentos epistemológicos da análise de redes ofereçam uma lente valiosa para entender a realidade dos ambientes em rede, ao aplicar a análise de redes a este estudo de caso em particular, uma vez que somos capazes de desvendar a dinâmica complexa e a interconectividade dentro dessas redes. Ou seja, examinar as relações, os fluxos de informação e os grupos ideológicos contribui para uma compreensão diferenciada dos fenômenos sociopolíticos em investigação.

Este artigo tem como objetivo identificar as características e motivações do governo Bolsonaro, a fim de examinar as conexões entre a ultradireita no século XXI e a administração bolsonarista. A quarta onda da ultradireita direciona a agenda de pesquisa para a urgência de estudos de caso que investiguem a influência ideológica de um fenômeno global nas políticas governamentais, como é o caso do Brasil. Diante disso, o presente artigo é orientado pela necessidade de compreender de que forma a ideologia da ultradireita se entrelaça com a política do governo Bolsonaro (2019-2022), exibindo suas nuances, conexões entre líderes e adoção de posicionamentos políticos alinhados com a agenda da ultradireita, com base no referencial teórico de Cas Mudde.

Os resultados demonstram que, apesar de debilitar a diplomacia tradicional da

Política Externa Brasileiro, Jair Bolsonaro envidou esforços para inserir-se no centro do movimento da Ultradireita global, aproximando-se de líderes como Donald Trump (Estados Unidos) e Benjamin Netanyahu (Israel), bem como figuras políticas representantes da ideologia, como Beatrix Von Storch do partido de extrema-direita alemã *Alternative für Deutschland* (AfD), “Alternativa para a Alemanha”, em português. A aproximação dessas relações refletiu nas políticas que se fragmentaram na gestão pública no Brasil: o descrédito das instituições e órgãos superiores e fiscalizadores do Executivo; a invalidação do Supremo Tribunal Federal; o desmonte dos serviços públicos; e a radicalização da população civil.

Para isso, o artigo abordou as principais discussões teóricas e os acontecimentos globais conectados ao Brasil que perpassam a pergunta de pesquisa proposta. Em primeiro lugar, foi realizada uma revisão bibliográfica em torno da concepção e atuação da ultradireita global, desde seus antecedentes até sua ascensão nos séculos XXI, utilizando-se do aparato teórico de Cas Mudde como base da construção do presente argumento. Em segundo lugar, foi realizada a análise em redes visando localizar onde Jair Bolsonaro se encontra no cenário da Ultradireita global, buscando encontrar onde o próprio Bolsonaro e seu discurso estão localizados. Por fim, formulou-se uma síntese das conexões entre a ideologia da ultradireita e a atuação dos líderes globais que se encaixam dentro dessa categoria ao governo Bolsonaro. O último tópico busca analisar, nesse sentido, o alinhamento das políticas e tomadas decisões para com a agenda da ultradireita no século XXI.

2. O novo pelo velho: a reinvenção da direita política

As concepções de “esquerda” e “direita” tornaram-se arenas essenciais para a compreensão política dos Estados modernos, sobretudo ocidentais. Essas categorias ideológicas se consolidaram durante a Revolução Francesa, no final do século XVIII, quando a Assembleia Nacional francesa foi dividida em dois grupos distintos: I) aqueles que apoiavam a monarquia, posicionando-se à direita; e II) aqueles que defendiam a mudança política e social, ocupando a esquerda (Hunt 1996; Doyle 2018). Na obra *Left and right: The significance of a political distinction* (1996), Norberto Bobbio, cientista político italiano, teoriza que a desigualdade seria a categoria distintiva fundamental entre a esquerda e a direita.

Para dar um exemplo direto e imediatamente compreensível, a igualdade, que é um elemento tradicional na ideologia da esquerda, é considerada um nivelamento por baixo por alguém da direita. A desigualdade, que para alguém da esquerda é uma declaração de fato sem conotações ideológicas, torna-se uma ordem hierárquica para alguém da direita¹ (Bobbio 1996, 37).

Por conseguinte, a fim de compreender mais a fundo, Bobbio (1996, 61) pontua que há de se levar em conta três questões relativas no que tange ao conceito de “desigualdade”: I) entre quem?; II) de que?; III) com base em qual critério? Sendo assim, alguns temas são essenciais para traçar uma linha de divisão entre as categorias ideológicas previamente discutidas.

1. “To give a straightforward and immediately understandable example, equality, which is a traditional element in the ideology of the left, is considered leveling down by someone on the right. Inequality, which for someone on the left is a statement of fact without ideological connotations, becomes hierarchical order for someone on the right”.

Tabela 1. Temas essenciais na divisão entre direita e esquerda

Direita	Esquerda
Pessimismo antropológico	Optimismo antropológico
Anti-utopismo	Utopismo
Organicismo	Racionalismo
Direito à diferença	Linearismo evolutivo
Elitismo	Igualitarismo
Propriedade e anti-economicismo	Socialismo
Nacionalismo	Democratismo
	Economicismo
	Internacionalismo
	Humanitarismo

Fonte: Pinto (1996, 30-43) *apud* Freire (2017, 259).

Diante das mudanças históricas e políticas que distanciam as principais pautas dos grupos políticos do século passado e o atual, faz-se imprescindível conceituar o objeto central deste trabalho — movimentos, sejam considerados violentos ou não, cuja agenda elenca ao menos três dos seguintes temas: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia ou autoritarismo, esse é o conceito dado por Mudde (2000) para a ultradireita, em seu livro *The Ideology of the Extreme Right*. No entanto, no meio acadêmico, ainda existem questionamentos e visões divergentes sobre o que realmente significa e compõe a ultradireita no século XXI.

A primeira questão que se impõe aos marcos teóricos da ultradireita é a sua posição enquanto categoria analítica, delimitada pelo espaço-tempo do espectro político da direita. Como tal, encontra-se na identificação de sua configuração multidimensional, de modo que seja estabelecido um modelo capaz de qualificar distintas experiências da referência empírica original. Assim, seria possível aplicar a categorização de líderes, políticos ou Estados de ultradireita, mesmo que em dinâmicas históricas e políticas divergentes, por um conjunto de práticas, valores, crenças, organizações, padrões afetivos, projetos de poder e inserções no Estado e na sociedade que satisfaça as exigências do modelo (Soares 2020). Mudde (2000), aponta que na Extrema Direita é possível detectar uma clara aliança com o fascismo histórico e uma rejeição aos valores democráticos. Na concepção de Bobbio (1996, 29), ainda, a “nova direita” surgiu, ao lado da “velha direita”, buscando vingança por derrotas históricas. Este é, inclusive, o ponto que diferencia a ultradireita da direita radical e a torna tão alarmante.

Enquanto a direita radical utiliza de um liberalismo para abraçar o prisma da democracia e rejeitar o pluralismo, a ultradireita nega qualquer acordo com aspectos democráticos e a diversidade. A análise da ultradireita se debruça em termos que explicam aspectos culturais, sociais e políticos da mesma. Ao passo disso, um dos conceitos que valem ser aprofundados primordialmente é o das ondas presentes na história da ultradireita. Podemos identificar nos estudos do tema um padrão de picos e declínios em determinadas épocas. Trazendo tal ideia para os conceitos utilizados em pesquisas em torno da ultradireita, denomina-se de “ondas” os períodos marcados pela ascensão de grupos, partidos e ideologias ligadas a *Far-Right* (Mudde 2000).

Ainda na tese de Mudde (2019, 13), o cientista político Klaus von Beyme (1988 *apud* Mudde 2019) identificou três ondas políticas autoritárias dentro do espectro da direita após a Segunda Guerra Mundial: I) o neofascismo (1945–1955), marcando o último momento em que grupos de extrema direita foram marginalizados; II) o populismo de direita (1955–1980), determinando o momento de uma virada de chave da posição de grupos da ultradireita, saindo da periferia das sociedades orientais e partindo para o cerne da política com o surgimento de partidos e líderes populistas de direita; e III) a direita radical (1980–2000), foi a mais significativa na Europa Ocidental, tendo ganhado força e apoio nos anos 90 em consequência do desemprego e imigração de não-brancos em massa.

A tese central trazida pelo autor de *The Far Right Today* é a de que, a partir dos anos 2000, uma nova categoria política se instaurou ao redor do mundo, a quarta onda: a ultradireita. A diferença entre a terceira e a quarta onda viria a partir da assimilação política institucional da ideologia da extrema-direita (Mudde 2019). Isto é, atualmente, nas democracias mais tradicionais, partidos e políticos da direita radicais são considerados aptos para coalizões eleitorais pelos principais partidos do centro, da direita e, em alguns casos, da esquerda.

Em uma primeira análise, pode-se dizer que relacionados à ultradireita estão os dois subgrupos: I) a Direita Radical, caracterizada por conviver com aspectos e perspectivas democráticas ao mesmo tempo em que despreza o pluralismo social, ou seja, rejeita por exemplo a separação entre os três poderes do Estado (executivo, legislativo e judiciário); e II) a Extrema-Direita, que despreza a democracia em sua totalidade de maneira a utilizar-se de autoritarismo e violência.

Tabela 2. Ideais da ultradireita

Categoria	Ultradireita
Valores	Aspirações à hierarquia
	Nacionalismo
	Anticomunismo
	Antissemitismo
	Xenofobia
	Racismo

Fonte: Mudde (2019).

Ainda em sua obra, Mudde (2019) aprofunda ainda mais o ponto de origem da ascensão do panorama atual internacional de disputas ideológicas, ao retratar como a Guerra Fria dividiu a Europa em um Ocidente capitalista e, em grande parte, democrático e um Oriente socialista e autoritário. Embora a separação precedia a Segunda Guerra Mundial, os dois lados só foram reunidos pela ameaça compartilhada do fascismo, haja vista que o antifascismo era um dos poucos valores compartilhados por comunistas e democratas liberais.

Consequentemente, instaurou-se uma Guerra Cultural. Esse fenômeno representa a Nova Direita, que não se trata mais de uma ideia, mas uma revolução nos âmbitos da comunicação, educação, cultura, política e economia, que contrapõe a civilização

ocidental e os Outros². Por parte da ultradireita, entende-se que um conjunto de crença e prática ocidental deveriam estar sendo transmitidas, mas foram perdidas durante a última metade do segundo século, visto que o Ocidente moderno estaria — supostamente — em crise, em consonância às reivindicações tradicionalistas, que toma a “tradição” principalmente como crença e prática transmitidas desde tempos imemoriais, a ultradireita global entende que esse conjunto de crença e prática deveriam estar sendo transmitidas, mas foram perdidas para o Ocidente durante a última metade do segundo século, visto que o Ocidente moderno está em crise Sedgwick (2004). De maneira geral, pode-se dizer que a construção de um líder populista de direita radical é dada através da criação da dicotomia do “nós e os Outros”, criando uma guerra do povo contra uma elite (Stanley 2018).

A ideologia da ultradireita fomenta a noção que as desigualdades — como trazido por Bobbio — são naturais e inevitáveis, e por isso, sempre haverá um grupo com mais poder, como um jogo de soma zero (Stanley 2018). Nesse sentido, os “Outros” para a ultradireita apresentam um padrão, sendo geralmente representados por muçulmanos, imigrantes, pessoas de cor ou judeus (Mudde 2019). E, como pontuado por Morais e Saad Filho (2018, 10), “ao reivindicar a riqueza da nação, as elites desconsideram o Outro”. Tendo isso em mente, os conceitos aplicados para a aquisição de poder político e popular se baseiam em uma guerra contra os outsiders que, segundo a ultradireita, interferiram no crescimento de um suposto Estado-nação homogêneo existente antes da entrada deles no cenário nacional (Mudde 2019). Em suma, essa exposição representa uma das características dominantes na direita do século XXI, o nativismo³.

Por fim, chegamos ao último ponto a ser discutido sobre a ultradireita neste tópico: a sua origem. A ultradireita tem como base ideológica um passado tradicional, da glória da família patriarcal, repleto de conquistas em sua nação. Em síntese, o passado representa a emoção de uma possibilidade de voltar para um espaço de vitórias e felicidade plena, onde os papéis de gênero e a família tradicional entregavam um equilíbrio perfeito para a continuidade de um projeto de luta pela nação (Stanley 2018). Como já exposto anteriormente, a linguagem da ultradireita tem função emotiva, buscando sempre comover àqueles que representam seu público alvo. Nesse caso, a intenção de ofuscar inconvenientes e glorificar as vitórias é despertar o sentimento de nostalgia de um passado mítico.

Em síntese, “a quarta onda é caracterizada pela integração e normalização da extrema direita, que é particularmente visível na mídia” (Mudde 2019, 48, tradução das autoras). A análise feita atualmente sobre movimentos da ultradireita na contemporaneidade nos revela muito mais do que o exposto na superfície. A pesquisa acadêmica em torno desses movimentos evidencia lacunas existentes em nossa sociedade em torno de temas sociais, como política e segurança, seja doméstica ou internacional. Embora

2. Conceito cunhado por Edward Said (2007) na sua obra *Orientalismo*, que trata daqueles que se destoam da norma estabelecida pelo Ocidente, muitas vezes sendo estrangeiros ou vistos como “inferiores” pela hegemonia. O “Outro” é, portanto, a figura que está fora do mundo ocidental, e sua representação é moldada e controlada pelo olhar do Ocidente.

3. Sendo um misto de xenofobia, racismo e nacionalismo, que juntamente com islamofobia e anti-semitismo, exerce papel crucial para manutenção de um passado mítico, com tradições — um pleonasma para a existência de racismo — e uma glória da nação, remetendo a nostalgia de valores patriarcais (Stanley 2018).

a ultradireita aponte grupos específicos e como eles agem, ela também demonstra a insegurança das nossas bases democráticas e direitos humanos conquistados.

3. Todos por um: as configurações globais da ultradireita

Segundo Mudde (2019), três acontecimentos foram determinantes para a integração política de ultradireita no início do presente século, sendo eles: o ataque às Torres Gêmeas e a guerra contra ao terror; a Grande Recessão Econômica de 2008; e a crise de refugiados de 2015. A partir dessas três crises, todas as democracias foram afetadas e o status político mundial abalado. Com isso, é possível ver uma agenda definida na ultradireita, com preceitos nativistas, populistas e autoritários. Ademais, o alcance da ultradireita, que até a Terceira Onda se restringia à Europa, tornou-se global, com líderes de extrema direita eleitos por meios democráticos governando países de grande influência mundial, como Brasil, Estados Unidos e Israel (Mudde 2019). Logo, o cerne da questão em torno do que alimenta ultradireita fica explícita: o uso de ideologias populistas, nativistas e autoritárias diante de momentos de vulnerabilidade de uma classe definida e sua consequente reação cultural (Mudde 2019). Assim, criando uma guerra contra aqueles que não a compõem, ou seja, a ideia de um embate entre “nós” e os “Outros” (Stanley 2018).

A forma com a qual torna-se possível avaliar os entrelaços que cerceiam as principais figuras mundiais da ultradireita é através da implementação da *Network Analysis*. Esta metodologia foca, predominantemente, em como são dadas as relações entre os atores presentes numa determinada rede e quais os são os resultados originados destas relações. De acordo com Hafner-Burton e Montgomery (2010), analistas políticos não deveriam limitar-se em apoiar suas pesquisas apenas na “possessão relativa de recursos” para estudar meios de coerção, mas também estudar os padrões de associação que ligam os atores em redes, que são chamados de “nós”. Os dados e discursos coletados para esta pesquisa passaram por análise manual humana e manipulação no programa “Google Planilhas”, a partir da criação de tabelas, matrizes matemáticas e a soma dos resultados encontrados. Desse modo, foram realizadas duas análises em rede: I) uma análise de eventos, buscando entender onde Jair Bolsonaro se posiciona na conexão de líderes e políticos da ultradireita global; II) uma análise de discurso, visando analisar a proximidade entre a retórica de países governados pela ultradireita em organismos internacionais.

Para tal, levantou-se os seguintes países dentro da categoria da ultradireita: Brasil (2018–2022), Estados Unidos (2016–2020), Hungria (1998–2002; 2010–presente), Índia (2014–presente), Israel (1996–1999; 2009–2021; 2022–presente), Polônia (2015–presente) e Turquia (2014–presente). Nota-se que nem em todas as situações o Chefe de Governo ou de Estado foi o responsável por realizar o discurso, porém, enviaram algum representante oficial. Por isso, a escolha de classificar por países e não pela figura em si.

A *Event Network Analysis*⁴, por sua vez, requereu a formulação de cinco critérios

4. Segundo Lerner et al. (2013) Event Networks diz respeito à análise das interações sociais e dos relacionamentos entre os atores com base em eventos ou ocorrências observados. Os atores são indivíduos ou entidades que se envolvem em eventos ou atividades específicas, e as relações entre eles são representadas como uma rede. Além disso, os autores se concentram em dois aspectos principais: a frequência das interações

chave para delimitar o grau de relação entre os atores levantados, sendo eles: I) interações indiretas, seja através de redes sociais, como tweets, por exemplo, ou ter feito algum tipo de comentário positivo público sobre a outra personalidade; II) ao menos um encontro presencial registrado, seja por fotos ou depoimentos; III) maior frequência de encontros e comentários positivos sobre a outra parte; IV) colaboração frequente entre as partes; V) figuras pertencentes ao mesmo partido, ou que possuem laços que vão além da política, como laços familiares.

É importante ressaltar que houve limites na construção desta rede, haja vista que o método de coleta de dados foi realizado exclusivamente pela pesquisa online de registros de colaboração, sem contatos diretos com os atores. E, apesar da internet representar um grande avanço na criação de redes políticas, possui seus limites, visto que muito da política acontece atrás de “cortinas fechadas”.

Além disso, apoiado no *Discourse Network Analysis*⁵, este trabalho utilizou os discursos proferidos por líderes mundiais na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2019 e 2020 para elencar os critérios ideológicos e relacionais entre os atores aqui elencados. A escolha dos anos levou em consideração um ano pré e um pós-pandêmico, que demonstrou novos assuntos sendo inseridos na agenda da ultradireita: negacionismo científico, sinofobia, e a evidência de debates econômicos pautados no trade-off da eficiência vs igualdade⁶, em conjunto aos velhos aspectos do anticomunismo, xenofobia, racismo, entre outros. Nos discursos, destacaram-se os temas e políticas compartilhados entre os atores analisados, a fim de observar as similaridades e particularidades dos tópicos discutidos em âmbito internacional.

Como citado anteriormente, o processo de coleta de dados encontrou limitações, uma vez que a fonte foi feita exclusivamente a partir de encontros que possuem registros abertos no âmbito virtual. Para isso, a escolha dos atores apresentados foi a partir de nomes indicados pelo próprio Mudde (2019), além de pesquisas feitas pelas autoras de demais nomes conhecidos da ultradireita global⁷.

A partir do gráfico (Figure 1, é possível observar que figuras como Donald Trump, Viktor Orbán e Jair Bolsonaro possuem mais conexões na ultradireita Global, além de Steve Bannon, “guru” ideológico de Donald Trump, que auxiliou na campanha da ultradireita ao redor do globo, em especial, na América Latina e na Europa. Ainda levando em conta o gráfico, é possível observar que figuras como Narendra Modi e

e o tipo de interações.

5. De acordo com Leifeld (2016) *Discourse Network Analysis* tem como objetivo analisar e entender os debates sobre políticas examinando a interação dinâmica dos atores e suas interações discursivas em uma estrutura de rede. Estes debates podem ser vistos como redes em que os atores estão conectados por meio de vínculos discursivos que representam o fluxo de ideias e informações dentro do debate, moldando as posições, as estratégias e a influência dos atores envolvidos.

6. Na visão econômica, a eficiência é “a propriedade que a sociedade tem de obter o máximo possível a partir de seus recursos escassos” (Mankiw 2013, 464). Já para autores como Rawls (2016), a eficiência possui valor à medida que passa a contribuir para o desenvolvimento social, promovendo uma distribuição mais igualitária. O debate ressurgiu durante a pandemia da COVID-19 na contraposição do isolamento social e a produção econômica que, em muitos países, tornou-se uma ferramenta retórica de que “a economia não pode parar”. Assim, reposicionando o debate onde a eficiência requer um ator se beneficiando porque outro está em degradação (Atkinson 2016, 295).

7. Os nomes adicionados pelas autoras estão sinalizados com um asterisco (*) no gráfico e levaram em conta Kathleen Blew, Victor Herrero A., Hendrik Ankenbrank, Murilo Matias, Rocío Motes, M. Hakan Yavuz e Ahmet Erdi Örtürk.

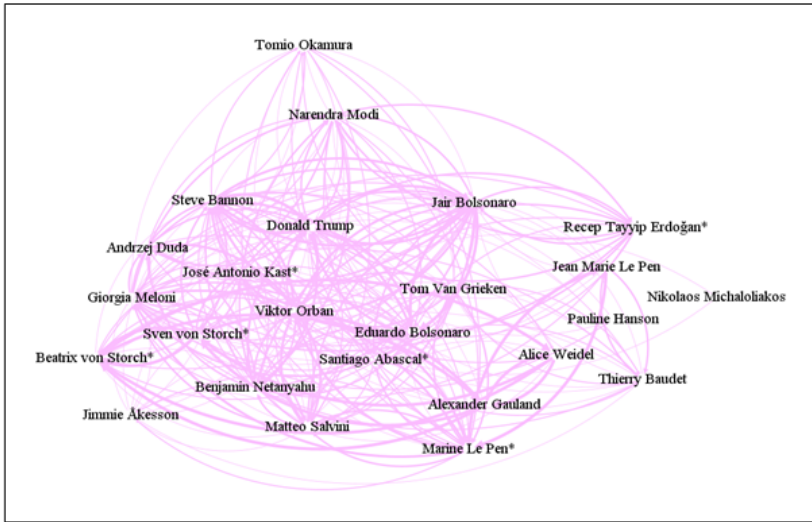


Figura 1. Rede de Encontros da ultradireita Global

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Recep Tayyip Erdoğan possuem um grau menor de centralidade⁸, apesar do tempo em que ocupam posições de poder, vide que seus discursos, por vezes, se contrapõem aos aspectos da civilização Ocidental e seus aliados ao atacar Israel, por exemplo.

Já no que tange a análise de discurso, o principal aspecto encontrado em todos os discursos analisados foi “segurança”, logo seguido de “terrorismo”, que foi citado em ao menos um dos discursos dos países selecionados. Outros pontos citados foram anticomunismo, soberania, críticas a instituições internacionais, como a própria ONU, militarismo, liberdade e uma noção de paz fundamentada na concepção de “*Law & Order*”. Como Guimarães e Silva (2021) comentam “governos populistas de ultradireita — uma forma específica de governo populista — tendem a enfatizar um profundo conjunto de identidades conservadoras quando negociando com outros governos ultra-conservadores”⁹.

O quadro a seguir (Tabela 3) representa os tópicos mais recorrentes nos discursos dos Estados-nações supracitados. A segurança, terrorismo, manutenção da ordem, tradicionalismo e soberania foram os ideais que contemplaram a conjuntura internacional do ano de 2019. O próximo ano, que encarou uma pandemia, levantou críticas à ONU, combate ao inimigo e queixas à crise econômica doméstica e global. Outras abordagens trazidas incluem: desinformação e teorias da conspiração; protecionismo; liberdade (política/econômica/religiosa); preconceito religioso; relações bilaterais com países conservadores; proteção da família; anti-comunismo; militarismo; naciona-

8. O “grau de centralidade” em uma Análise de Redes determina a importância de um ator naquela determinada rede. Segundo Hafner-Burton e Montgomery (2010), a centralidade de um ator é responsável por indicar as formas e os graus de poder do ator naquela determinada rede.

9. “[...] *far-right populist governments—a specific form of populist government—tend to emphasize a deep conservative identity-set when negotiating with other ultra-conservative governments.*”

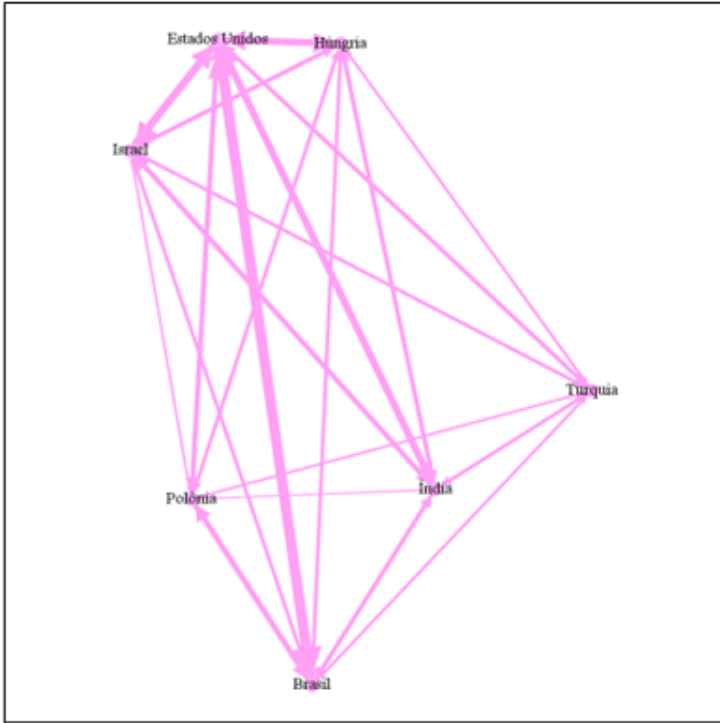


Figura 2. Análise de Discursos em Rede

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Tabela 3. A agenda da ultradireita na Assembleia Geral

2019	2020
Segurança	Segurança
Terrorismo	Terrorismo
Manutenção da Ordem	Críticas à ONU
Tradicionalismo	Combate ao “inimigo”
Soberania	Soberania

Fonte: Elaborado pelas autoras.

lismo e patriotismo; discurso anti-corrupção; guerra ideológica/cultural; anti-ciência; combate ao inimigo a ser combatido; desnuclearização; imigração e refúgio; respeito mútuo (PEX); discurso de ódio às minorias; ataques a ONGs.

Por fim, pode-se observar um maior grau de alinhamento ideológico entre determinados atores maior que outros. Estados Unidos e Brasil são os países com os discursos mais congruentes, seguidos de Estados Unidos e Israel, enquanto o menor grau de congruência é conferido à Turquia e Polônia, seguido de um empate entre Turquia e Brasil com Turquia e Hungria. Os Estados Unidos, a partir da análise de discurso, é visto como o ator mais central desta rede, uma vez que obteve os dados de maior similaridade com um maior número de atores. Já o Brasil se encontra logo atrás, com o segundo maior número de conexões ideológicas com o restante da rede. Aqui abre-se um espaço para pesquisas futuras visando analisar quais os fatores que contribuem para o maior ou menor grau de congruência de discurso.

4. As interconexões ideológicas do governo Bolsonaro com a ultradireita global

Em uma realidade intensamente globalizada e interconectada, temas de interesses públicos e privados viajam o mundo reformulando as agendas políticas e sociais. No caso da ultradireita, apesar das particularidades históricas e nacionais serem mantidas, criou-se um consenso mundial de quais são as novas demandas e táticas, moldadas pelos discursos de ameaças da globalização; anti-comunismo; negacionismo climático; xenofobia; e racismo. Isso se deve principalmente ao fato de que a ascensão da dita “Nova Direita” no mundo contemporâneo se apoiou, principalmente, na comunicação das massas, estabelecendo retóricas e narrativas articuladas e em alinhamento com os ideais que orientam a atuação da direita política.

O que demonstra-se, de certa forma, é que o mecanismo utilizado pela ultradireita subverte a verdade, utilizando da mídia e setores privados para chegarem no seu objetivo principal — seja silenciado, seja comprando estas — de reescrever as postulações políticas e tornar a realidade uma dúvida. Isto é, o meio utilizado para a conquista de uma sociedade autoritária com governos de ultradireita no século XXI não corresponde ao padrão de golpes militares observados antes da Guerra Fria (Mudde, 2020). Em vez disso, é utilizado dos artifícios da democracia e meios midiáticos para a conquista de uma política autoritária — com a subjugação da democracia, glorificação da violência e culto ao líder — inquestionável e irracional (Levitsky e Ziblatt 2018).

E, apesar de contraditório, a ascensão do autoritarismo dentro dos instrumentos democráticos é mais comum do que pensamos ser possível, com foco especial ao jogo eleitoral, onde figuras como Adolf Hitler e Benito Mussolini se fortaleceram aos olhos das massas (Levitsky e Ziblatt 2018). Para Morais e Saad Filho (2018, 19), a fragilidade da democracia brasileira se dá em decorrência das graves contradições entre democracia e neoliberalismo, uma conclusão central para se entender as sementes dos ideais da ultradireita.

Frente à desigual distribuição de renda, inflação e crescente desigualdade social (Morais e Saad Filho 2018), um terreno fértil se forma para a adoção de ideias extremistas. Assim, vale ressaltar as contribuições de Brown (2019) em *In the ruins of neoliberalism: The rise of antidemocratic politics in the West*, que avalia que a ascensão

das formações políticas nacionalistas autoritárias brancas se deve, principalmente, à raiva instrumentalizada dos indivíduos abandonados economicamente e ressentidos racialmente, mas também “delineada por mais de três décadas de assaltos neoliberais à democracia, à igualdade e à sociedade” (Brown 2019, 17). A autora ainda acrescenta o direcionamento do rancor do sofrimento econômico e racial da classe trabalhadora e média brancas, que adquire voz e forma a partir dos ataques que abastecem a ambição nacionalista-cristã de reconquistar o que idealizam enquanto “Ocidente”.

Sendo assim, o liberalismo foi incapaz de promover o desenvolvimento econômico harmônico que defendia (Jakobsen 2005), e produziu efeitos muito diferentes daqueles imaginados e visados por seus arquitetos (Brown 2019), além de ser comumente associado a: I) um conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos; II) redução radical do Estado social; III) amordaçamento do trabalho; IV) desregulização do capital; V) e produção de impostos e tarifas amigáveis para investidores estrangeiros.

O que começou no Hemisfério Sul logo fluiu para o Norte, mesmo que com poderes executivos bem diferentes. Por volta do final dos anos 1970, explorando uma crise de lucratividade e estagflação, os programas neoliberais foram implementados por Margaret Thatcher e Ronald Reagan, novamente focados na desregulação do capital, no combate ao trabalho organizado, na privatização de bens e serviços públicos, na redução da tributação progressiva e no encolhimento do Estado social (Brown 2019, 29).

A partir dessa lógica, é notória a presença das contradições embutidas na chamada democracia liberal. Sendo o neoliberalismo responsável por uma autonomia comercial da regulamentação dos mercados e do desmonte de um Estado social politicamente comprometido com o asseguramento dos direitos básicos; pleno emprego; saúde e educação públicas; torna-se um contexto frutífero para a adesão de ideais investidos pela ultradireita, haja vista que a crise econômica é um de seus pontos-chave e o que muitas vezes impulsiona os cortes e congelamento de gastos. Esse aspecto é reforçado por Stanley (2018), que alega:

Quando existem grandes desigualdades, o problema é agravado. Alguns eleitores são simplesmente atraídos mais por um sistema que favorece sua própria religião, raça, gênero ou nacionalidade. O ressentimento resultante das expectativas não atendidas pode ser redirecionado contra grupos minoritários vistos como grupos que não compartilham tradições dominantes; [...] Alguns eleitores veem esses grupos, e não o comportamento das elites econômicas, como responsáveis por suas expectativas não atendidas (Stanley 2018, 64–65).

A democracia, por outro lado, significa que os arranjos políticos por meio dos quais o demos (o povo) governa a si mesmo, deve assegurar que a composição e o exercício do poder político sejam autorizados pelo todo e de responsabilidade do todo (Brown 2019). Nesse sentido, quando a igualdade política está ausente, seja por exclusões ou privilégios políticos explícitos, pelas disparidades sociais ou econômicas extremas, pelo acesso desigual ou controlado ao conhecimento, ou pela manipulação do sistema eleitoral, o poder será inevitavelmente exercido por e para uma parte, em vez do todo, o demos deixa de governar.

Sob tal perspectiva, embora seja um fenômeno que atravesse diferentes realidades históricas, a quarta onda da ultradireita associada ao autoritarismo conservador apresenta pontos em comuns em sua precisão e atuação no campo político. No Brasil,

dada às características de nossa formação sócio-histórica marcada pela(o): colonização; escravidão prolongado; herança patrimonialista, coronelista e conservadora de nossas elites; inserção periférica no capitalismo mundial; transição não clássica ao capitalismo; tardia formação do operariado urbano-industrial com forte influência da imigração europeia e pouca tradição de esquerda (Silva e Rodrigues 2021), a ascensão das tendências autoritárias tornaram-se favoráveis.

Apesar das heranças histórico-culturais apresentadas, as razões políticas para fertilização de um terreno apto às demandas da ultradireita respaldam-se nas: I) divergência entre os eleitores que votam em protesto contra o sistema e os eleitores que votam em apoio a extrema-direita; II) os períodos de recessão e/ou crise econômica; III) a globalização neoliberal; IV) a linha tênue entre líder e organização (Mudde 2019). De tal forma que o bolsonarismo permanece predominante não apenas como a ideologia do governo Bolsonaro, mas que se alastra para as instituições e demais poderes do Estado.

Mas o que viria a ser o bolsonarismo? Uma ideologia proveniente do governo Bolsonaro e associada à retórica de defesa da família, do patriotismo, do conservadorismo, do autoritarismo, de elementos neofascistas¹⁰, do anticomunismo, do negacionismo científico, do porte de armas, da rejeição aos direitos humanos e da aversão à esquerda política, bem como pelo culto à sua figura (Cesarino 2019).

O bolsonarismo teve sua ascensão, desse modo, a partir da consolidação de Jair Bolsonaro no cenário político brasileiro, tendo como pico do presente movimento sua eleição para Presidente da República em 2018 e a reafirmação de sua proporção mainstream. Além de se encaixar dentro dos conceitos de um líder populista de direita, inovando e se utilizando dos canais e mídias de comunicação para endossar sua narrativa, sua construção basilar enquanto figura “mítica” da política brasileira foi o uso de seu antagonismo à esquerda e a afirmação de valores como família, religião e segurança, comumente atrelada ao punitivismo (Feres Júnior e Gagliardi 2021; Silva e Rodrigues 2021).

Por conseguinte, as políticas de governo bolsonaristas apresentaram agrado aos simpatizantes da ultradireita com as aplicações favoráveis à agenda da ultradireita global no Brasil, reforçando ideais de nacionalismo e patriotismo. Explicando essa questão, a análise de Stanley 2018 torna-se precisa ao elucidar que qualquer tipo de ultranacionalismo (étnico, religioso, cultural) é representado pela figura de um líder autoritário que fala em seu nome.

4.1 As velhas práticas do novo governo

Durante sua campanha eleitoral de 2018, Jair Bolsonaro reivindicou uma “nova política”. Ao longo de seu governo, o Brasil continuou a enfrentar mais do mesmo, com um diferencial: o ex-presidente agora recebia respaldo de líderes mundiais globais da ultradireita. Em meio ao seu governo, a pandemia da COVID-19 explodiu e serviu, para alguns, como uma agenda política, e não de saúde pública. A presença e o fortalecimento político-financeiro do movimento anti-vacina e anti-ciência demonstram circunstâncias já incorporadas às mobilizações da direita radical global, expondo o

10. Ricardo Viel (29 de julho de 2019). «Entrevista com Manuel Loff: "O bolsonarismo é o neofascismo adaptado ao Brasil do século 21"». Agência Pública, 29 jul. 2019.

ponto de inflexão entre como as ideologias transitam entre si. O governo Bolsonaro, similar a outros líderes, teve como pauta principal o negacionismo e atuação anti-ciência governamental aliada ao Ministério da Saúde frente às vítimas da pandemia (Herz 2022).

É diante de um panorama de rompimento com políticas aplicadas pelos governos anteriores – com ênfase no Partido dos Trabalhadores (PT) – que o governo Bolsonaro também buscou desvincular a política externa brasileira da sua linha tradicional. Historicamente, a Política Externa Brasileira (PEB) não se localizava como foco principal do debate político no contexto político do Brasil, além de seguir desde o período pós-ditadura um alinhamento com a cooperação Sul-Sul, através de um investimento na integração com o Sul Global (Herz 2022).

Indo em desencontro com os princípios supracitados, o governo Bolsonaro rompeu com premissas básicas da PEB tradicional, tais como o posicionamento sobre a questão Israel-Palestina, o reconhecimento de uma só China e o princípio do não-intervencionismo na América Latina. É a partir disso que pode-se analisar a mudança brusca da PEB enquanto resultado da idolatração de Bolsonaro para com o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (2017-2021). O bolsonarismo, nesse sentido, adotou Trump enquanto o líder do Ocidente e do Cristianismo, tendo as decisões de política externa guiadas pelo alinhamento automático com os Estados Unidos. O momento que marca a realidade brasileira durante o governo Bolsonaro é traduzido em um alto nível de isolamento internacional e revela a quebra de alianças históricas para o Brasil durante quatro anos de governo (Herz 2022).

Para além da idolatração de Bolsonaro por Trump, as estratégias usadas por suas bases políticas também são suficientemente parecidas, senão idênticas, um grande exemplo disso, sendo os ataques ao Capitólio, Washington D.C., que ocorreu em 6 de janeiro de 2021, e à Praça dos Três Poderes, Brasília, em 8 de janeiro de 2023, ambos após a derrota eleitoral de ambos os líderes para candidatos mais moderados, Joe Biden (D) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), respectivamente.

Naquilo que tange os ataques ao Capitólio, “foi a culminação de um processo de décadas de declínio e radicalização, no qual o núcleo do Partido Republicano se isolou de informações desafiadoras e perdeu a fé na imparcialidade de todas instituições da sociedade”¹¹ (Kydd 2021, 16). Segundo o autor, Donald Trump apenas se aproveitou de condições que se iniciaram ainda na década de 1960, quando o eleitorado conservador – principalmente branco, evangélico e habitante das áreas rurais do país – começou a se sentir ameaçado pela mudança demográfica causada pelo aumento da imigração e pela aceitação de normas liberais seculares.

Durante seu governo, houve a intensificação de quatro processos que foram responsáveis pelo processo de radicalização do conservadorismo nos Estados Unidos, aspectos estes que Trump soube utilizar para manter seu eleitorado fiel a sua figura. Sendo estes: I) polarização partidária; II) polarização midiática; III) compartilhamento de teorias da conspiração em redes sociais e; IV) aumento da violência na ultradireita (Kydd 2021). Como resultado, seus eleitores viam na figura de Donald Trump a representação física de seus ideais e de sua visão de mundo, que dizia aquilo que queriam ouvir e

11. “*was the culmination of a decades-long process of decline and radicalization in which the core of the Republican Party walled itself off from challenging information and lost faith in the impartiality of all institutions in society.*”

o ex-presidente, assim como sua equipe, sabia deste fato e se usavam do mesmo para facilitar o uso desta população como massa de manobra nesta tentativa de converter o resultado das eleições de 2020.

Na materialidade das eleições brasileiras de 2022, a realidade não se distanciou da instabilidade política vista nos Estados Unidos. A descrédibilização das urnas, que representa um instrumento democrático, virou um grito no eco ao redor do país, fomentando ataques ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e, posteriormente, ao Supremo Tribunal Federal (STF), alegando fraude nos processos eleitorais prévios sob tutoria das instituições. Em meio à "briga de gigantes", a população encarava as consequências: o número de casos de violência política e eleitoral em 2022 foi 400% maior do que o registrado em 2018¹². Os partidos de esquerda seguem sendo o alvo principal.

As análises abordadas demonstram que os cenários de domínio da ultradireita ao redor do mundo não são resultados políticos provindos de fenômenos espontâneos, mas de ações orquestradas, inclusive, no âmbito internacional. A presença do Brasil em organizações internacionais conservadoras, como o Consenso de Genebra encabeçado pelos Estados Unidos e Hungria, revelam que a "receita" usufruída pela ultradireita, na verdade, funciona.

5. Conclusões

Utilizando-se de ferramentas dispostas pela tecnologia e globalização atual, a atuação de Jair Bolsonaro enquanto figura representativa da ultradireita global no cenário político brasileiro sinaliza uma mudança na correlação de forças no cenário doméstico e global. Deste modo, este trabalho revisitou os marcos históricos e teóricos que possibilitaria a realização das interconexões entre a ultradireita em demais países e o ex-presidente do Brasil, tendo como principal objetivo demonstrar os cânones centrais da ultradireita no contexto em que o bolsonarismo configura-se como uma fragmentação desta. Para tal, foram levantados discursos, dados e formulações de políticas ao redor do globo, apoiando-se em uma revisão bibliográfica e de metodologia mista.

Resgatando os elementos constituintes da categorização ideológica entre a esquerda e a direita formulados, principalmente, por Bobbio (1996) e Mudde (2019), o vigente trabalho debruça os aspectos políticos que permaneceram ao longo do tempo, mas mais importante, os que mudaram. A ultradireita seria, portanto, a fusão da Velha com a Nova Direita, aplicada à realidade nacional.

No mundo, uma agenda compartilhada entre os principais líderes e políticos foi moldada após a pandemia da COVID-19, reforçando debates que não estavam mais na discussão pública: o negacionismo científico, teorias conspiracionistas e um crescimento exponencial do movimento anti-vacina. Essas redes, reforçadas especialmente nos eventos de porte internacional, demonstram interesses, além de retóricas, em comum.

No Brasil, as consequências ainda não são mensuráveis quando pensamos no longo-prazo. A intensificação desenfreada do neoliberalismo brasileiro demonstrou, ainda, como apresentados por Brown (2019), Stanley (2018) e Moraes e Saad Filho (2018),

12. Dados disponíveis em: <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/numero-de-casos-de-violencia-politica-e-eleitoral-em-2022-e-400-maior-do-que-o-registrado-em-2018/23792>

que com o aprofundamento das desigualdades sociais oferecem um ambiente frutífero para a adoção de ideais e comportamentos autoritários, que reforcem o status quo. Nas eleições de 2022, os cenários de radicalização e violência política observados se interrelacionam com cenas similares nos países onde a ultradireita criou suas raízes de modo mais institucionalizado.

Ao compreender que o movimento global da ultradireita exemplifica um ambiente de rede caracterizado por afiliações ideológicas, colaborações transnacionais e disseminação de informações em diversas plataformas, a aplicação da *Network Analysis* enquanto metodologia torna possível identificar os principais atores, grupos ideológicos e padrões de interação dentro dessa rede. A análise de plataformas de mídia social, comunidades internacionais e vínculos organizacionais também permitiu uma compreensão abrangente da difusão de ideias, estratégias de recrutamento e esforços de mobilização desta categoria ideológica.

Embora a *Network Analysis* ofereça *insights* valiosos, é essencial reconhecer suas limitações e desafios. À medida que os ambientes de rede continuam a moldar as paisagens sociopolíticas, a utilização deste método nas ciências sociais tem um imenso potencial para descobrir padrões ocultos, informar decisões políticas e aprofundar nossa compreensão de sistemas complexos. Ao abraçar os seus fundamentos epistemológicos, muito pode ser contribuído para uma compreensão mais abrangente dos ambientes de rede e suas implicações para a sociedade. Deve-se também levar em conta que para este modelo metodológico, alguns processos podem ser limitados, incluindo questões relacionadas à disponibilidade, confiabilidade e representatividade dos dados, considerando que a qualidade dos dados de rede pode ser influenciada por fatores como tendências algorítmicas, técnicas de amostragem de dados e a natureza dinâmica das estruturas de rede.

Recebido em: 26/06/2023.

Aprovado em: 04/08/2023.

Referências

- Atkinson, A. B. 2016. *Desigualdade: o que pode ser feito?* LeYa.
- Bobbio, N. 1996. *Left and right: The significance of a political distinction*. University of Chicago Press.
- Brown, W. 2019. *In the ruins of neoliberalism: The rise of antidemocratic politics in the West*. Columbia University Press.
- Casimiro, F. H. C. 2020. *A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil contemporâneo*. Expressão Popular.
- Cesarino, L. 2019. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Revista De Antropologia*.

- Doyle, W. 2018. *The Oxford history of the French revolution*. Oxford University Press.
- Feres Júnior, J. e J. Gagliardi. 2021. Populism and the media in Brazil: The case of Jair Bolsonaro. Em *The Politics of Authenticity and Populist Discourses: Media and Education in Brazil, India and Ukraine*, 83–104. Acesso em: 28 de novembro de 2023. Springer. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-030-55474-3_5.
- Freire, A. 2017. A esquerda europeia ante os dilemas da imigração. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 19.
- Guimarães, F. S. e I. D. O. Silva. 2021. Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment. *International Affairs* 97 (2). <https://doi.org/10.1093/ia/iaaa220>.
- Hafner-Burton, E. M. e A. H. Montgomery. 2010. Centrality in Politics: how networks confer power. Em *Conference Proceedings*.
- Herz, M. 2022. A conservative foreign policy for Brazil. Acesso em: 28 de novembro de 2023, *Latin American Policy* 13 (2): 376–388. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/lamp.12271>.
- Hunt, L. 1996. *The French Revolution and Human Rights: A Brief Documentary History*. Boston. New York.
- Jakobsen, K. 2005. *Origem do livre-comércio e do protecionismo*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Kydd, A. H. 2021. Decline, radicalization and the attack on the US Capitol. *Violence: An International Journal* 2 (1): 3–23. <https://doi.org/10.1177/26330024211010043>.
- Leifeld, P. 2016. Discourse Network Analysis. *Oxford Handbooks Online*, <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780190228217.013.25>.
- Lerner, J., M. Bussmann, T. A. B. Snijders e U. Brandes. 2013. Modeling frequency and type of interaction in event networks. *Corvinus Journal Of Sociology And Social Policy* 4 (1). <https://doi.org/10.14267/cjssp.2013.01.01>.
- Levitsky, S. e D. Ziblatt. 2018. *Como as Democracias Morrem*. Nova Iorque: Crown.
- Mankiw, G. 2013. *Princípios de microeconomia*. São Paulo: Cengage Learning.
- Morais, A. e L. Saad Filho. 2018. *Brasil: neoliberalismo versus democracia*. BOD GmbH DE.
- Mudde, C. 2000. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester University Press.
- . 2019. *The Far Right Today*. Cambridge University Press.
- Rawls, J. 2016. *Uma teoria da justiça*. [1999]. Martins Fontes.
- Sedgwick, M. 2004. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford University Press.
- Silva, M. e T. Rodrigues. 2021. O Populismo de Direita no Brasil: Neoliberalismo e Autoritarismo no Governo Bolsonaro. Acesso em: 22 de novembro de 2023, <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/42098>.
- Soares, L. E. 2020. *Dentro da noite feroz: o fascismo no Brasil*. Boitempo Editorial.
- Stanley, J. 2018. *Como Funciona o Fascismo: A Política do Nós e Eles*.